

DOMINGO DE PENTECOSTES

19 DE MAIO DE 2024

JOÃO 15.26-27; 16.4b-15

Salmo 139.1-12

Esse salmo é muito conhecido por expressar de uma forma sublime os atributos divinos da onisciência e da onipresença. A reflexão sobre atributos divinos proporciona uma simples e fácil abordagem sob as diferentes perspectivas da lei e do Evangelho.

Sob a ótica da Lei, o fato de Deus ser onisciente significa que ele conhece todos os nossos pecados perfeitamente. Ele conhece os pecados mais íntimos, cometidos por pensamentos, sentimentos e desejos. Ele conhece até mesmo o pecado que está ligado ao âmago do nosso ser, embora seja distinto da nossa essência: o pecado original. Sob a mesma perspectiva, o fato de Deus ser onipresente significa que ele vê tudo o que fazemos, não importa onde estivermos. Portanto ele vê todos os pecados que cometemos. Não há como escapar do escrutínio e da observação de Deus.

Sob a ótica do Evangelho, o fato de Deus ser onisciente e onipresente, mas não nos condenar como merecemos revela sua misericórdia e sua graça. Além disso, porque nos conhece tão bem, ele sabe de todas as nossas necessidades, carências e problemas. Ele conhece tudo isso melhor do que nós mesmos. E é por conhecer nossa realidade, por saber que nós somos pó, que ele se compadece de nós como um pai se compadece de seus filhos (Sl 103.13,14). De acordo com isso, o fato de Deus ser onipresente nos lembra que não tem nenhum só lugar no universo que pode nos separar do seu amor. Ele sempre está conosco, para cuidar de nós, com amor.

Digno de destaque é o fato de o salmista dizer: “para onde me ausentarei do teu Espírito?” (v.7). Esse versículo tem sido utilizado para mostrar que qualidades divinas são atribuídas ao Espírito Santo, apontando para o fato de que ele é Deus assim como o Pai e o Filho. No Credo Niceno confessamos que o Espírito Santo é

o “Senhor e Doador da vida”. Portanto sua onipresença está ligada à *creatio continua*. O Espírito de Deus que pairava por sobre as águas no princípio (Gn 1.2) permanece ativo no mundo, sustentando todas as coisas, juntamente com o Pai e o Filho.

Ezequiel 37.1-14

Esse texto pode ser dividido em 2 seções básicas: (1) a visão do vale de ossos secos, na qual há atuação direta do profeta sob a direção do Senhor (v.1-10); (2) um discurso do Senhor, dando a Ezequiel as palavras que ele deve profetizar ao povo de Israel. Ligando as duas seções, está um ditado popular dos exilados (v.11), expressando sua desesperança.

Há debate entre os exegetas se a visão do vale de ossos secos revividos pelo poder de Deus é apenas uma metáfora para a “ressurreição nacional” de Israel, concretizada no seu retorno da Babilônia, ou se há nela também um sentido literal, apontando para uma ressurreição corporal dos mortos. Certamente, não é impossível ignorar o contexto da profecia. A situação dos israelitas era desoladora, longe de seu país, vivendo em meio aos babilônios, rodeados por sua cultura e religião pagãs. Portanto, essa profecia é dada para gerar nova vida, de esperança e alegria, para um povo angustiado pelas circunstâncias. No entanto, a ideia de ressurreição literal não precisa ser vista como estranha ao AT. Há textos que parecem conter de alguma forma esse ensinamento (Cf. Dt 32.39; 1 Sm 2.6; Sl 103.4). O livro de Daniel, por exemplo, que data do mesmo período exílico de Ezequiel, contém uma declaração explícita sobre o assunto: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Dn 12.2). Além disso, o evento de Jonas no ventre do grande peixe foi referido por Jesus como o sinal que apontava para o que ocorreria em sua morte e ressurreição (Mt 12.38-42). E ao explicar o que acontecera consigo para os seus discípulos, Jesus mostrou que sua morte e ressurreição eram eventos necessários em sua missão de acordo com as

Escrituras do AT (Lc 24.45-46). Portanto, a partir da visão do vale de ossos secos, é possível enxergar na “ressurreição nacional” de Israel apenas um prelúdio das “duas ressurreições” proporcionadas através de Cristo: a ressurreição da morte espiritual, no Batismo, e a ressurreição da morte física para a plenitude da vida eterna nos Novos Céus e Nova Terra.

De acordo com isso, parece interessante enxergar esse texto como uma conexão entre os domingos de Páscoa e o Domingo de Pentecostes. No Domingo em que ressuscitou, de acordo com o que pode ser chamado de “Pentecostes do Evangelho conforme João”, Jesus soprou sobre seus discípulos e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo. Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos” (Jo 20.22,23). Esse texto parece ecoar a combinação de vento e Espírito da visão de Ezequiel - que, não por acaso, são a mesma palavra no hebraico. Portanto o Espírito Santo capacita os discípulos para sua missão de administrar as chaves do reino dos céus. Por meio da entrega do perdão conquistado por Cristo, a porta do reino dos céus seria aberta para ossos secos revividos pelo poder do Espírito, para pessoas que estavam mortas em seus delitos e pecados, mas foram ressuscitadas para a nova vida com Cristo. E essa ressurreição é a garantia de que o túmulo não é o fim para os que morrem no Senhor. A habitação do Espírito que ressuscitou a Jesus dentre os mortos é a garantia de que todos que nele creem também terão seu corpo mortal vivificado no último dia (Rm 8.11).

Atos 2.1-21

É difícil não perceber a conexão entre esse texto e o do AT. Ezequiel é ordenado a profetizar para que o espírito (vento) venha dos quatro ventos e assopre sobre os ossos que já haviam sido transformados em corpos pelo poder de Deus. Ele profetiza e eles passam a viver. Então, os versículos finais da perícopre (12-14) contêm a promessa de que Deus abriria a sepultura do seu povo,

fá-los-ia sair dela, dar-lhes-ia o seu Espírito e restabelecê-los-ia na sua própria terra.

Conforme o Evangelho para o dia, o anúncio da partida de Jesus deixa os discípulos tristes (Jo 16.6). Mais tarde, a morte de Jesus deixaria os discípulos angustiados, desanimados e sem esperança. Talvez, naquelas circunstâncias, eles poderiam dizer: “Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo exterminados” (Ez 37.11). Mas, conforme a promessa de Jesus (Jo 16.20-22), a tristeza deles se transformou em alegria (Jo 20.19-20).

No dia de Pentecostes, os discípulos estavam reunidos em Jerusalém, possivelmente refletindo sobre os ensinamentos e a obra de Jesus. O Espírito já atuava em seus corações, conduzindo-os a Cristo e preservando-os na fé salvadora. Porém, eles ainda estavam de portas trancadas. Então, um som como de um vento vem do céu e línguas de fogo aparecem distribuídas sobre eles. Esses são os sinais que acompanham o cumprimento neotestamentário da promessa feita a Israel por meio do profeta Ezequiel. Deus derrama o seu Espírito, os discípulos são capacitados com coragem e dom de línguas e a palavra dele é pregada (profetizada) para muitos.

Deus prometeu que abriria a sepultura e traria seu povo de volta para sua terra. E no dia de Pentecostes, lá estavam, em Jerusalém, judeus advindos de toda parte do mundo. Eles estavam lá para cumprir a lei do AT, mas Deus abriu-lhes a porta da nova aliança. Eles estavam sepultados em seus pecados, mas, através do anúncio do Evangelho, pelo poder do Espírito de Deus, muitos dentre eles receberam ouvidos para ouvir e foram erguidos para a nova vida com Cristo.

Porém, “a terra” do povo de Deus no NT não é um espaço geográfico limitado. A Igreja de Cristo é Católica, ou seja, se estende por toda parte, no mundo inteiro, onde há fé salvadora e confissão do Evangelho. A multiplicidade de línguas do dia de Pentecostes sinaliza que Deus pretende derramar seu “Espírito sobre toda a carne” (v.17), de maneira que “todo aquele invocar o nome do Senhor será salvo” (v.21).

No dia de Pentecostes, prefigurada pelo exército sobremodo numeroso visto por Ezequiel (Ez 37.10), uma multidão de quase três mil pessoas é acrescentada à comunhão dos santos. Assim, eles entram na “terra prometida” da Igreja. E, unindo-se a eles, pessoas de todos os tempos e lugares são incorporadas à Igreja Militante, que marcha em direção à terra prometida escatológica, em Novos Céus e Nova Terra. Então, quando todos os crentes lá chegarem, a visão de Ezequiel será finalmente cumprida. Uma multidão que ninguém pode contar - a Igreja Triunfante - estará diante do trono e do Cordeiro, louvando ao Deus Triúno, por causa da salvação derramada pelo Pai, através do Filho, pelo poder do Espírito (Ap 7.9-17).

João 15.26-27; 16.4b-15

A perícope do Evangelho para o dia faz parte do discurso de despedida de Jesus. À luz de sua partida iminente, Jesus profere palavras de conforto e faz promessas encorajadoras para seus discípulos. A promessa central é a do envio do Espírito Santo.

v.26 Jesus diz que enviará o Espírito que procede do Pai. E sendo ele que envia, o Espírito também procede do Filho. Afinal, o Espírito Santo é também o Espírito de Cristo (Rm 8.9; Gl 4.6; 1 Pe 1.11). Ele é o Espírito da Verdade. E como se sabe, no quarto Evangelho, Verdade é um termo que se refere ao próprio Jesus. Portanto, a missão do Espírito consiste em dar testemunho a respeito de Cristo.

v.27 Ensinando a respeito de Cristo e recordando os ensinamentos do próprio Cristo para os discípulos, o Espírito torna possível que eles testemunhem. Portanto, no momento escatológico definido pelo Pai, o Espírito capacita os discípulos com os dons necessários para que lancem os fundamentos do edifício, que tem Cristo como pedra angular. Conduzindo-os de volta a toda verdade a respeito de Jesus, ele finalmente os identifica como membros do corpo de Cristo, ou seja, faz com que eles sejam o próprio Cristo em ação no mundo. Conseqüentemente, eles são perseguidos e sofrem oposição na carne – na era da

carne. Porém, porque já vivem no espírito – na era escatológica do espírito – eles também são instrumentos de salvação na vida de muitos.

v.4b Jesus não havia falado ainda sobre a perseguição que sofreriam (cf. 16.1-4a), porque, estando com seus discípulos, o próprio Jesus havia sido o foco de toda oposição e perseguição. No entanto, agora ele estava partindo e a perseguição os atingiria.

v.5 Pode surgir dificuldades em entender o que Jesus diz aqui, visto que Pedro e Tomé já haviam perguntado sobre o lugar para onde Jesus iria (Cf 13.36,14.5). Porém, o detalhe determinante para a compreensão pode ser o advérbio “agora”, ou seja, eles não estavam fazendo perguntas agora, à luz do que Jesus disse. De outra forma, há quem afirme que, quando fizeram essas perguntas, os discípulos não estavam realmente interessados em saber a respeito do lugar para onde Jesus iria, mas simplesmente estavam protestando por serem abandonados.

v.6-7 A partida iminente do Mestre gera tristeza no coração de seus discípulos. No entanto, a explicação de Jesus sobre o assunto revela que a tristeza deles demonstra falta de compreensão a respeito de sua obra. É necessário que Jesus retorne à glória do Pai para que o Espírito seja enviado. Somente com a glorificação e exaltação do Verbo encarnado à destra do Pai a missão de recuperar a comunhão plena entre Deus e o homem é finalizada. Portanto não há motivo para tristeza, porque a partida de Jesus não significa abandono. Pelo contrário, sua presença será plena e abundante. Exaltado à destra do Pai, fazendo pleno uso de seu poder divino através de sua natureza humana, o Deus-Homem Jesus continua presente com sua Igreja, e pelo poder do seu Espírito, gera e preserva a fé nos corações, dá forças para a vida em santidade e concede dons apropriados para o serviço em seu reino. Portanto, não há por que lamentar a impossibilidade de ter convivido com Jesus em seu ministério terreno. Ele permanece conosco, fazendo perceptível sua presença.

v.8-11 O sentido do verbo usado para descrever a ação do Espírito no mundo é o de “expor, mostrar, persuadir, deixar claro que alguém fez algo de errado”.

Portanto, é uma atividade condenatória, necessária na vida de todo pecador. O mundo precisa reconhecer sua verdadeira condição, e isso só é possível pela ação do Espírito. Se o pecador não for persuadido de sua situação desesperadora e da necessidade de salvação, ele continuará confiando em si mesmo.

É necessário convencer o mundo do pecado, porque os que pertencem ao mundo não creem em Jesus. Se cressem, estariam convencidos de sua pecaminosidade e necessidade de salvação. E é precisamente isso que o Espírito realiza. Ele mostra às pessoas a verdade sobre elas, apontando para a necessidade de um Salvador. Para isso, ele usa a lei de Deus em sua função de espelho. Nas palavras da Fórmula de Concórdia:

“O Espírito de Cristo não deve apenas confortar, mas, pelo ofício da lei, também, ‘convencer o mundo do pecado’, assim deve fazer no Novo Testamento (como diz o profeta) *opus alienum, ut faciat opus proprium*, isto é, deve fazer obra estranha (que é reprovar), até que venha ao seu ato próprio, isto é, consolar e pregar sobre a graça” (FC, DS, V, 11).

Também é necessário convencer o mundo da justiça. O mundo tende a confiar em justiça própria. Mas, em seu ministério terreno, Jesus ensina que a justiça humana não é válida e aceitável diante de Deus. Nas palavras do profeta Isaías, “todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia” (Isaías 64.6). Jesus foi condenado pela justiça imperfeita do mundo. Mas ao subir ao Pai, por meio de sua morte, ressurreição e ascensão, ele evidenciou ser justo, e o único justo diante de Deus. Portanto, após a ascensão de Cristo, sendo o *continuum* escatológico de Cristo, é papel do Espírito continuar apontando para a imperfeição da justiça humana e para a suficiência da justiça de Cristo.

Também é necessário convencer o mundo do juízo. Por meio da obra redentora de Jesus há, não só, libertação do domínio do pecado, mas também juízo sobre o mundo e seu príncipe. Jesus foi injustamente julgado, condenado e morto. Mas quando o Pai ressuscitou Jesus dentre os mortos, ele declarou seu Filho inocente e culpados os que o condenaram. Logo, ficou evidente que o juízo desse mundo é falso, assim como é falso aquele que é mentiroso desde o

princípio. Portanto, aqueles que seguem os passos de Satanás também estão julgados e condenados.

v.12-13 Naquele momento, os discípulos seriam incapazes de compreender todos os fatos a respeito de Cristo. Somente após a conclusão de sua missão, através de sua morte, ressurreição e ascensão, Jesus capacitaria os discípulos para compreenderem tudo o que é necessário, enviando seu Espírito. Portanto, essa é a função do Espírito Santo: levar a um conhecimento profundo e suficiente a respeito da Verdade, que é Jesus.

v.14-15 Certa vez, numa controvérsia com os judeus, Jesus lhes disse: “Quem fala por si mesmo está procurando a sua própria glória; mas o que procura a glória de quem o enviou, esse é verdadeiro, e nele não há injustiça” (Jo 7.18). Portanto, somente um falso profeta busca sua própria glória. Um enviado fiel e verdadeiro procura glorificar aquele que o enviou. Logo, assim como o Filho não buscou a sua glória, mas a glória do Pai, o Espírito não buscou sua glória, mas a glória do Filho. Assim como o Filho revela o Pai sendo plenamente obediente à vontade do Pai, o Espírito cumpre sua missão divina atrelando sua atuação ao que é manifestado pela pessoa, obra e ensino de Cristo. “...não há missão do Filho em que o Espírito de Deus não participe e não há missão do Espírito em que o Filho de Deus não participe ‘por nós e para nossa salvação’” (Confessando o Evangelho Hoje: Uma abordagem luterana da Teologia Sistemática, voll, p.593). De acordo com isso, o Espírito não vem ao mundo para trazer novas revelações ao longo da era da igreja, mas para preservar a igreja na verdade suficientemente exposta por meio de Cristo como a revelação final e definitiva de Deus ao mundo (Hb 1.1-2).

Proposta Homilética

Todos nós passamos por momentos em que ficamos desanimados e desmotivados. A perda de algo ou alguém importante; um plano que não dá certo; um conflito com alguém; as coisas que não acontecem conforme

esperávamos ou gostaríamos... enfim, várias são as possibilidades de acontecimentos e circunstâncias que podem nos frustrar e decepcionar. Quando enfrentamos circunstâncias assim, é normal ficarmos tristes e abatidos. Nesses momentos, palavras que nos forneçam esperança e boas expectativas são essenciais e fundamentais para reestabelecer nosso ânimo e nos fazer seguir em frente.

O texto do Antigo Testamento para o dia de hoje é constituído de palavras assim. São palavras de encorajamento e motivação para pessoas abatidas e sem esperança. Essas pessoas são os israelitas. Eles estavam longe de sua terra, no cativeiro da Babilônia, em profundo desânimo e decepção. Eles olhavam para a sua situação, longe de casa, longe do templo, longe de Jerusalém e diziam: “os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; estamos totalmente exterminados” (v.11).

Aquela situação era resultado do pecado deles. O sofrimento que estavam enfrentando era fruto da ira de Deus sobre o seu pecado. No entanto, conforme diz o salmista, “a ira [de Deus] dura só um momento, mas o seu favor dura a vida inteira” (Sl 30.5). Deus não tem prazer na morte do ímpio. Pelo contrário, seu desejo é que o perverso se arrependa de seus pecados e tenha vida (Ez 18.23). Por isso, a visão do vale de ossos secos foi concedida a Ezequiel para trazer esperança ao povo.

Nessa visão, é possível perceber um detalhe interessante. Aqueles ossos estavam jogados em um vale, a céu aberto. Eles não haviam sido enterrados. Naquela época, não eram enterradas as pessoas que haviam sido amaldiçoadas por sua conduta. Portanto, aquelas pessoas não tinham nenhuma dignidade para serem restauradas à vida. Isso aconteceria unicamente pela graça de Deus.

Sendo assim, fazendo Ezequiel andar ao redor dos ossos, Deus lhe perguntou: “Será que estes ossos podem reviver?” Parecia algo impossível! O próprio profeta disse que aqueles ossos estavam sequíssimos. Portanto, eram ossos de pessoas que haviam morrido há muito tempo. Mas Ezequiel não tenta especular; ele não tenta racionalizar os fatos; ele admite sua impotência e

incapacidade e encaminha a questão de volta para Deus, reconhecendo que somente o próprio Deus Todo-poderoso poderia responder aquela pergunta adequadamente.

Então Deus transforma Ezequiel de mensageiro da impotência humana em mensageiro do seu poder. Ezequiel anuncia a mensagem concedida por Deus. Após fazer isso, aqueles ossos se unem e formam esqueletos, e sobre eles crescem tendões, carne e pele. No entanto, eles ainda não tinham o espírito. Por conseguinte, conforme a ordem de Deus, Ezequiel profetiza e o Espírito concede àqueles corpos o fôlego da vida, tornando possível que vivam e formem um enorme exército.

Deus explicou que aqueles ossos eram a casa de Israel, e que aquilo que Ezequiel viu representava o que Deus iria fazer com o seu povo. Ele iria levá-los de volta para sua terra. Porém, muito mais importante do que isso, ele colocaria neles o seu Espírito, regenerando seus corações e os tornando novas criaturas.

Deus promete conceder o seu Espírito, no Antigo Testamento, em diversos momentos. E essa promessa foi cumprida no Pentecostes. Por isso, no dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro citou essa mesma promessa feita por meio do profeta Joel. Ele disse: “E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade” (At 2.17).

Depois que Pedro terminou de pregar, quase três mil pessoas foram batizadas, receberam o Espírito Santo e se tornaram novas criaturas. Portanto, aquela multidão enorme que Ezequiel viu apontava também para a Igreja, a multidão de cristãos que surgiu no dia de Pentecostes e que continua a existir e aumentar até o último dia.

Entre essa multidão estamos nós – cada um de nós. Assim como aqueles ossos que não tinham recebido a dignidade de um funeral e de um sepultamento, e que, portanto, não tinham nada que os fizesse merecer a restauração da vida, nós não tínhamos nada que nos tornasse dignos de ser regenerados por Deus. Éramos malditos por causa do pecado que habita em nós, desde a concepção. Assim como aqueles ossos, estávamos completamente mortos em nossos delitos

e pecados. Não tínhamos capacidade nenhuma de ouvir e aceitar a oferta de graça e perdão oferecida por Deus. Mas assim como aconteceu com aqueles ossos, fomos regenerados pela graça de Deus. Pelo poder de sua Palavra, recebemos ouvidos e olhos da fé para ouvir e ver. Assim, o Espírito de Deus nos deu nova vida, nos tornando novas criaturas em Cristo.

Porém, da mesma forma que o povo de Israel no cativeiro babilônico, em muitos momentos também podemos nos sentir oprimidos e prejudicados pelas circunstâncias da vida. Isso pode nos deixar abatidos, desanimados e sem forças. A morte lança sua sombra sobre nós ao longo de toda a existência terrena, através das diversas frustrações e decepções que surgem em nosso caminho.

Porém, diante de todo e qualquer momento de angústia e tristeza, há boas novas de grande alegria. Nós podemos olhar para frente com ânimo e esperança porque o futuro prometido por Deus já invadiu o presente. Ele já trouxe “para o agora” a nova vida prometida por ele. Jesus veio e se tornou como um de nós. Por meio de sua obra, ele já venceu a morte e todo mal que existe, incluindo aquilo que sentimos e experimentamos nos momentos difíceis. Ele tornou possível que nós estejamos, já agora, em comunhão com ele, sendo guiados pelo seu Espírito e desfrutando da bênção de sermos filhos de Deus.

Mas é claro, ele promete nos conceder muito mais. O apóstolo Paulo diz que o Espírito Santo constitui as primícias (Rm 8.23, Ef 1.14). Em outras palavras, ele é a primeira parte dos dons de Deus. A parte final ele ainda irá conceder.

Numa das visões do livro de Apocalipse, o apóstolo João descreve que viu uma grande multidão, que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé, diante do trono e diante do Cordeiro, rendendo louvores a Deus (Ap 7.9). E ele recebe a explicação de que estava vendo aqueles que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro. Portanto, a multidão vista por Ezequiel apontava para essa multidão vista pelo apóstolo João, no céu, que é a igreja de Cristo.

Deus prometeu para o povo de Israel, que era estrangeiro num país cheio de idolatria e maldade, que eles seriam restaurados à sua terra. E essa promessa

representava outra, muito maior e mais bendita, que ele faz ao seu povo de todos os tempos e lugares. Ele promete para nós, estrangeiros nesse mundo cheio de idolatria e maldade, que voltaremos para habitar, por toda a eternidade, na terra à qual pertencemos.

Portanto, sejam quais forem as circunstâncias da vida nas quais nos encontramos, nós podemos nos alegrar e animar (Fp 4.4-5). Sim! Pois o Deus que transforma um vale de ossos secos em um exército numeroso é o mesmo Deus que nos ressuscitou da morte espiritual e nos deu nova vida; é o mesmo Deus que abrirá nossas sepulturas no último dia, reunirá nossos ossos secos, nos levantará da morte e nos tornará seres humanos perfeitos - tão perfeitos tais como nunca conseguimos ser aqui nesse mundo; é o mesmo Deus que também está ao nosso lado a cada dia, para perdoar nossos pecados, para nos socorrer, amparar, guiar e guardar.

Sendo assim, os mesmos frutos produzidos pelo Espírito de Deus nos primeiros discípulos, ele também quer produzir em nós. Ele quer encher-nos de coragem e disposição para fazer-nos sair da zona de conforto a fim de proclamar a todos a boa notícia da salvação. Afinal, assim como anunciou sua Palavra pela boca de pecadores como o profeta Ezequiel e o apóstolo Pedro, Deus também quer levar adiante a Palavra dele por meio de pecadores fracos e indignos, como nós.

Portanto, ó Espírito Santo, vem em nós habitar, faze-nos em Cristo firmar, faze-nos ao Pai honrar, e assim, ó Deus, faze-nos tua Palavra anunciar, amém.

Timóteo Felipe Patrício